

IMPrensa E PROTESTANTISMO NO BRASIL (1864-1930)

Micheline Reinaux *

Ao analisar a produção, divulgação e difusão da imprensa protestante no Brasil no período compreendido entre os anos de 1864-1930, procuramos demonstrar os aspectos centrais que decorrem desta pesquisa de doutorado, que consiste no levantamento e na leitura dos materiais concernentes à publicação protestante em território nacional. Tal editoração salienta-se pela pluralidade de formas, incluindo jornais, opúsculos e livros, bem como pela diversidade do público visado. As publicações destinavam-se às crianças, aos jovens e adultos e até mesmo aos estrangeiros residentes em terras brasileiras, almejando uma adesão ampla aos projetos indicados. Havia, também, impressão de material para uso dos convertidos, como as revistas destinadas a serem utilizadas na escola dominical.

No período que iniciamos a abordagem da história da imprensa protestante no Brasil, o catolicismo romano ainda era a religião oficial. Não obstante, devido às relações anglo-portuguesas, os missionários protestantes desfrutaram de relativa liberdade no Império. Já no II Reinado, os missionários dedicaram-se a dar publicidade por meio da imprensa às suas idéias. Inicialmente, eles compraram espaços em jornais seculares, editando colunas nas quais divulgavam suas confissões religiosas. Ainda neste período, já dão início à própria editoração, publicando jornais confessionais, folhetos e livros (AZEVEDO, 1996: 154).

Diante disto, podemos inquirir de que modo a imprensa foi utilizada para difusão do pensamento e das crenças protestantes pela sociedade brasileira. Dada a importância da editoração para a divulgação do protestantismo, convém elucidar as estratégias das quais os missionários e convertidos lançaram mão para divulgar suas publicações. Procuramos demonstrar a intensidade com que os missionários e membros de confissões protestantes no Brasil apostaram na influência e eficácia da palavra imprensa para difundir o pensamento religioso protestante no Brasil, de meados do Segundo Reinado ao final da Primeira República.

Como afirma Israel B. de Azevedo, “a história da editoração evangélica se confunde com a história do próprio protestantismo brasileiro” (AZEVEDO, 1996: 154). Em seu livro sobre a formação do pensamento batista no Brasil, Azevedo nos informa que já no ano de 1915 o catálogo da publicadora batista contava com 104 livros e 53 folhetos (Ibidem: 198).

São inúmeros os relatos entusiasmados dos missionários sobre a distribuição de textos impressos, utilizados como forma de divulgação da fé reformada. A fala do missionário batista Bagby ressalta a importância creditada à produção e à distribuição destes folhetos:

Nossa influência parece estar sempre aumentando. Muitos estão lendo os tratados e folhetos que distribuimos. Os sacerdotes nos denunciam publicamente, e advertiram o povo contra a assistência aos nossos cultos, apesar disto eles vêm. (Apud: REILY, 2003: 149-150)

Segundo o autor de um dos principais livros sobre a história da denominação batista no Brasil, “a escassez da literatura religiosa produzida pelos catholicos no Brasil [oferecia] aos evangelicos uma oportunidade extraordinaria”. O mesmo autor informa que os missionários “pioneiros reconheceram este facto e começaram immediatamente a publicar folhetos e livros para explicar ao povo as doutrinas baptistas”. Pois, conforme o mesmo, teria “que haver o periodo de propaganda antes do estabelecimento de qualquer instituição social” (CRABTREE, 1937: 121).

Com o intuito de desenvolver o trabalho da imprensa de sua denominação, os presbiterianos, por sua vez, fundaram no ano de 1883 a Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos, que tinha como objetivo arrecadar fundos para a publicação, pois, segundo Eduardo Carlos Pereira, seu idealizador:

Ninguém, por certo, nega as grandes vantagens de pequenos folhetos na disseminação das verdades religiosas entre o povo. Ora, sendo manifesta a falta, em português, de pequenos tratados que, de uma maneira concisa, clara e edificante, anunciem aos pobres o Evangelho, pareceu-nos de uma conveniência intuitiva a criação de uma sociedade que, [...], pode, todavia, [...], fortalecer-se, de maneira a opor, no futuro, uma barreira eficaz a essa literatura corruptora que alaga infelizmente as diversas camadas de nossa sociedade. (FERREIRA, 1992, vol. II: 206)

A pesquisa revelou que havia um circuito de produção desses títulos, que incluía editores estrangeiros, de Portugal, EUA e Inglaterra. Vários dos títulos distribuídos no Brasil pelos missionários eram editados em Lisboa, Nova York e Londres. Essa prática, porém, de recorrer a tipografias do outro lado do Atlântico não era exclusiva dos missionários protestantes, sendo corrente entre publicadores laicos.

As editoras brasileiras, na segunda metade do século XIX, quando começou a existir público para a literatura, e ainda bastante limitado, mandavam imprimir no exterior, em Portugal, na França, na Alemanha. Essa norma entrou pelo século XX adentro. A impressão de livros aqui era exceção e não regra. (SODRÉ, 1999: 242)

Disponemos de várias referências de livros e folhetos distribuídos no Brasil mas editados em Lisboa, tais como os seguintes títulos:

A cruz de Miguel Lorio. Lisboa: Typographia e Litographia de A. E. Barata, 1897.

O caminho de Deus para a paz. Lisboa: Typ. Luso-Britannica, 1877.

O capitão de navios e seu grumete - Historia Verdadeira. Lisboa: Livraria Evangelica, 1916. (Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa - I Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo - Catedral Evangélica. Todos as citações documentais são deste acervo, salvo quando indicado de outra fonte)

Se ampliarmos a análise para a circulação desta literatura confessional, percebemos que seu alcance mostra-se muito mais largo, abrangendo várias regiões de língua portuguesa. Temos evidência desta amplitude de circulação pelas indicações, em alguns dos folhetos, de que os depósitos de literatura protestante localizavam-se nas seguintes cidades: “Depósitos em Portugal - Lisboa, Porto, Funchal, Ponta Delgada. África: S. Vicente de Cabo Verde, G.H. Agnew - Inhambane [Moçambique]. Brazil - Rio de Janeiro”.

Vários outros folhetos eram editados nos EUA, como demonstra a seguinte referência de um dos folhetos: “Robert T. Grant, Box 830, Los Angeles, Califórnia. J.S. Taylor, Bible Truth Tract Depot, 524 8th S.T. Oakland, California”. E outros ainda na Inglaterra, como *As cartas de São Pedro*. Londres: *The Scripture Gift Mission*, 15, Strand, W.C.

Além da variedade na origem dos exemplares dados à divulgação pelos protestantes, há sinais de que se dirigia, igualmente, a um público linguisticamente diversificado. É o que se depreende da existência e divulgação no Brasil de títulos como *Las Cartas de Pablo á los gálatas, efesios, filipenses, colosenses, tesalonicenses, Timoteo, Tito y Filemon e Il Camino Perduto*, que revelam, a nosso ver, a preocupação também com os imigrantes estrangeiros que chegavam ao Brasil em grande número durante a Primeira República.

Denota, igualmente, um significativo paralelo com a imprensa secular, pois, segundo nos informa Heloisa de F. Cruz, no final do século XIX a imprensa paulistana “assume um caráter plurilinguístico, [...] inúmeras publicações são editadas em italiano, espanhol, alemão, francês e sírio” (CRUZ, 2000: 121). Os missionários viram, provavelmente, nestes grupos uma oportunidade de evangelização, porém sabiam que suas publicações em português não os atingiriam. Entende-se, portanto, as edições em seus idiomas pátrios.

Entre os títulos publicados no Brasil, nem todos eram editados por gráficas ligadas aos missionários. Alguns textos tinham sua impressão e edição encomendada à editoras comerciais, como a Tipografia Universal Laemmert, a segunda mais importante da Corte,

cujos proprietários eram os protestantes Eduard e Heinrich Laemmert. Esta editora publicou o primeiro número do jornal (1864) *Imprensa Evangélica* (SANTOS, 2006: 41). Duas décadas depois, os mesmos editores deram à prensa o opúsculo *A minha conversão*.

Deve-se notar que os próprios folhetos eram veículos de divulgação da literatura protestante e da atuação dos missionários e convertidos. Na última páginas dos folhetos era comum encontrar os nomes de outros livros e folhetos e como adquiri-los:

A Sociedade de Tractados já publicou os seguintes folhetos:

No. 1. O culto dos sanctos e dos anjos.....	\$200
No. 2. O único advogado dos peccadores.....	\$100
No. 3. O culto das imagens.....	\$200
No. 4. Um brado de alarme.....	\$100
No. 5. Trabalho e Economia ou a fidelidade de Deus.....	\$100

Quem quiser alguns destes folhetos, poderá dirigir-se ao Thesoureiro da Sociedade, Manoel José Rodrigues da Costa, rua dos Andradas n. 31, ou por carta à Caixa de Correio n. 14 - São Paulo.

Em maços de 10 exemplares vende-se com abatimento de 20% (PEREIRA, Eduardo Carlos. *A Lingua*. SP: Sociedade Brasileira de Tractados Evangelicos. 1890).

Da mesma forma, os folhetos traziam indicações de locais onde havia igrejas protestantes e os horários de culto. Os endereços incluíam capitais e cidades do interior do Brasil como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Maceió, “Paraíba do Norte”, Campinas, Botucatu, Sorocaba, Jaú, Rio Claro, Araraquara, Lavras, Lorena, Nova Friburgo e, segundo a fonte, ainda mais de duzentas outras localidades (PORTER, Thomas J. *Deos é caridade*. no. 15. SP: Typ. da Sociedade Brasileira de Tractados Evangelicos, 1892).

Das dezenas de títulos de livros divulgados no Brasil, um em especial merece particular atenção. Primeiramente, por se tratar de um livro escrito por uma mulher, Sarah Kalley, esposa do missionário e médico Robert Kalley, ambos de origem britânica, os quais fundaram a Igreja Evangélica Fluminense. Além disso, por ter sido aprovado, no final do ano de 1880, pelos membros do Conselho de Instrução Pública para ser utilizado nas escolas públicas (CARDOSO, 2005: 14). *A alegria do lar* teve sua primeira edição no Brasil em 1866. No ano de 1894 este livro encontrava-se em sua quinta edição em Portugal. Nos primeiros anos do século XX esta obra teve seus capítulos publicados no jornal *O Christão*, periódico da denominação congregacional no Brasil (Ibidem: 15).

Outros títulos publicados tiveram origem nas polêmicas travadas na imprensa entre os missionários protestantes, políticos e/ou jornalistas e as autoridades da igreja católica. Discussões que, sustentadas por meio de artigos, duravam meses. Citaremos um destes títulos vindos à luz no Recife.

Em 1895, nas páginas do *Jornal do Recife*, o missionário Entzminger publicou respostas aos artigos do padre João M. de Melo, cujos artigos contra as Bíblias protestantes saíram no periódico católico *Era Nova*. O conjunto dos artigos do missionário resultou no título *Haverá Bíblias Falsas? Ou Resposta ao Sr. Conego João Machado de Melo* (ETZMINGER, 1896; NASCIMENTO, 1966: 127-128).¹⁵

O mesmo tipo de debate verificou-se na imprensa religiosa paulistana ainda no século XIX. Pelo lado católico, saíram artigos acusando os protestantes de divulgarem Bíblias falsas. A reação dos mesmos veio de A. Pedro de Cerqueira Leite, que publicou vários artigos na *Imprensa Evangélica*, depois reunidos no opúsculo *As Bíblias Falsificadas, Resposta a uma velha Pastoral*.

No que diz respeito à distribuição das publicações protestantes, podemos dizer que, de forma análoga aos vendedores ambulantes na França e na Alemanha, nos primórdios da Reforma, no Brasil os colportores desempenharam a difícil tarefa de distribuir literatura religiosa, incluindo Bíblias, Novos Testamentos, livros e folhetos pelas capitais e sertões do país. Os colportores enviavam relatórios, publicados na imprensa protestante, nos quais informavam seu itinerário pelo interior e o resultado de suas andanças. Foi o caso de Manoel Canuto Alves que, em suas viagens entre os estados de Pernambuco e Paraíba, em 1922, declara ter viajado “541 leguas; fiz visitas especiaes em 296 casas; falei com 1.727 pessoas; vendi 410 Bíblias; 762 Testamentos, 747 Evangelhos; 1664 Tratados” (Norte Evangelico, 10 de fevereiro de 1923. Ano XVI, N. 4: 1).

A grande maioria dos missionários protestantes que vieram ao Brasil era oriunda dos EUA, país cujos primeiros periódicos datam do século XVIII, os quais foram responsáveis pelo crescimento da imprensa naquele país (FEBVRE; MARTIN, 1992: 306). Desta maneira, indivíduos procedentes de uma região habituada há mais de um século à circulação de jornais utilizaram desde cedo no Brasil os periódicos como estratégia de propaganda de sua religião.

Conseqüentemente, além de publicarem folhetos, panfletos, livros e de divulgarem artigos na imprensa laica, as denominações protestantes contaram com seus próprios jornais, alguns dos quais já mencionamos. Já em 1864 a denominação presbiteriana publica seu primeiro jornal no Brasil. A *Imprensa Evangelica* foi também o primeiro jornal protestante na América Latina.

Em 1886, os metodistas publicam o seu primeiro periódico, cujo título era *O Metodista Católico*, vindo a se chamar, pouco depois, *Expositor Cristão*. Segundo relatos dos metodistas, na tentativa de minimizar as despesas com publicações por meio de gráficas comerciais, aquela denominação resolveu fundar sua própria editora em 1894.

O jornal mais importante, ainda hoje em circulação, da denominação batista foi fundado em 1901, chamando-se *O Jornal Batista*. Este não foi, contudo, o primeiro jornal

batista no Brasil, pois houve um anterior, denominado *A Nova Vida - este jornal era publicado inicialmente pelo missionário Z. C. Taylor, com o nome de Echo da Verdade-*, editado na Bahia, e um outro ainda, *As Boas Novas*, publicado em Campos (RJ). Na Bahia, estabeleceu-se uma tipografia que foi comprada com uma contribuição no valor de US\$ 1.000 pela Junta de Missões de Richmond (CRABTREE, 1937: 188). Por outro lado, a tipografia de Campos foi adquirida por iniciativa exclusiva do pastor Ginsburg, como afirma no seu relatório do ano de 1894: “por esforço particular e sem qualquer auxilio de fóra, montámos uma pequena typographia” (Ibidem, loc. cit.).

Com o intuito de uniformizar o trabalho editorial batista no Brasil, voltado à missionação e ao público que já professava a confissão batista, os missionários resolveram fundir as duas tipografias, a de Campos e a da Bahia, no ano de 1900. Porém, no início da Casa Editora Batista, resultado daquela fusão, esta era formada apenas por um escritório e uma redação. Primeiramente, no entanto, *O Jornal Batista* foi impresso na tipografia de um inglês; depois foi impresso nas oficinas da denominação presbiteriana e, por fim, pela imprensa metodista até o ano de 1906, quando os batistas adquiriram suas novas oficinas tipográficas (CRABTREE, 1937: 190).

Dentre os objetivos d’*O Jornal Batista* estava “dar ás crianças alguma leitura intelligivel e instructiva” (CRABTREE, 1937: 193). Assim sendo, havia uma secção do jornal dedicado ao publico infantil. Dois anos depois, em 1903, é lançado *O Infantil*, um periódico exclusivamente voltado para as crianças, onde “nas primeiras duas paginas continham historietas e gravuras para interessar e instruir as crianças, e nas outras duas havia exposições simples das lições da escola dominical”. Este periódico chegou a tiragem de 18 a 20 mil exemplares por ano (Ibidem: 19). Os jovens também recebiam atenção especial por parte dos missionários. A denominação trazia uma página de seu jornal “consagrada aos estudos da mocidade” (PLAMPIN, 1982:, 186).

Antes mesmo dos batistas, os presbiterianos, também desde do início de seu trabalho de evangelização através da imprensa, valorizaram a formação das crianças. Como podemos perceber já no seu primeiro jornal *A Imprensa Evangelica*, quando o redator afirma que: “confessadamente a instrucção domestica é cousa de primeira importancia (...) Julgamos prestar um grande serviço offerecendo em cada numero da Imprensa Evangelica um artigo que possa indicar um methodo conviniente para a satisfação deste dever”.

No início do ano de 1865 o mesmo jornal publica uma série intitulada *Breve catechismo para meninos*, uma tradução do inglês. O texto que introduz o catecismo diz: “nós chamamos a atenção dos senhores pais de família para estas doutrinas tão puras e salutarres, e o fazemos com a melhor boa vontade” (IMPRESA Evangelica, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1865. Ano II, no. 07: 8. Centro de Documentação e História Rev. Vicente

Themudo Lessa). Os artigos para crianças ou de histórias que envolvem crianças estão sempre presentes neste jornal, quase sempre acompanhados de gravuras.

Um dos métodos empregados para manutenção desses periódicos eram as assinaturas, “procurando fazer que cada família [crente] seja assignante do Puritano” (DIAS, Gustavo. “Puritano”. Revista das Missões Nacionais. Ano 33, nº 382: 3, Maio, 1920. Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil - SPNB). Com este intuito, foram distribuídos aos pastores talões de recibos para estes conseguirem novas assinaturas. As tipografias protestantes também ofereciam ao público, em geral, serviços tipográficos, como os cartões de visita, outra forma de gerar recursos financeiros.

Para conseguir manterem-se economicamente, os periódicos protestantes lançavam mão de uma estratégia presente na imprensa secular: a propaganda. Encontramos no *Jornal Presbiteriano* de circulação no Norte-Nordeste as seguintes propagandas: “Grande Armazém das Dez Portas; a Clínica Cirúrgica e Protética Dentária do cirurgião dentista - Benigno de Barros; a Bella Aurora; o Peitoral da Caboátan e Gayacol; a máquina falante Zon-o-phone; a Caixa Mutua de Pensões Vitalícias; o Café Suisso”; além de alguns anúncios sobre os colégios protestantes. Porém estas propagandas não apareciam com frequência, o que nos permite supor que as propagandas não foram parte significativa da renda dos jornais.

As vendas avulsas, as assinaturas e as propagandas não foram as únicas formas a que a denominação presbiteriana recorreu para garantir, por anos, as publicações de seus periódicos. Apesar do valor irrisório das assinaturas, muitas vezes elas não eram pagas, como pode ser percebido pelo grande número de anúncios pedindo para que os assinantes cumprissem o seu compromisso de saldar os pagamentos atrasados. A insolvência dos assinantes destaca-se na ameaça de cancelamento da entrega do periódico o *Puritano*, que anunciava que “de junho em diante, esse órgão oficial de propaganda evangelica deixará de ser remetido ás pessoas que não reformarem suas assignaturas” (PURITANO, Revista das Missões Nacionais. Ano 33, nº 281: 8, Abril, 1920. SPNB).

A escassa propaganda, que deve ter rendido pouco, não poderia manter a circulação desses órgãos de propaganda. Deste modo, foi decidido que

Tratando-se das finanças do Norte Evangelico, foi resolvido que as Escolas Dominicaes deste Presbyterio levantem durante o anno, duas colletas especiaes para auxiliarem “O Norte Evangélico”, contanto que não seja augmentado o preço da assignatura. No mesmo sentido foi ainda resolvido que o Secretario Permanente escrevessem ás sociedades de senhoras pedindo que ellas levantem uma quantia especial, em cada anno, em beneficio do nosso orgam de propaganda. (LIVRO de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV: 6-7, 1920. SPNB)

Esta resolução não foi aplicada apenas pela denominação acima citada, pois quando da junção dos antigos jornais batistas do Brasil para a publicação do denominado *O Jornal Batista*, os missionários decidiram pedir a contribuição mensal das igrejas desta denominação espalhadas pelo país (CRABTREE, op. cit.: 189).

No tocante à tiragem destes periódicos, pode-se ter uma idéia pela d'*O Jornal Batista*, de circulação nacional, o qual começou com uma edição de 300 exemplares, o que representava 8,5 batistas por exemplar. Em 1910, chegou a 2.400 exemplares, o que significava 3 batistas por jornal, enquanto a relação em 1928 era de 5,7 convertidos por jornal (AZEVEDO, 1996: 199). Por sua vez, *O Norte Evangélico*, editado pelos presbiterianos em Pernambuco (oito anos após o periódico oficial dos batistas) conta logo de início, em 1909, com 2.000 exemplares, o que indica um aumento significativo na tiragem destes periódicos de confissão protestante. Este número é ainda mais relevante se considerarmos que *O Norte Evangélico* era de abrangência regional (NORTE Evangélico, Garanhuns, 22 de fevereiro de 1909. Seminário Presbiteriano do Norte. SPNB).

No que se refere à divulgação das publicações protestantes, percebemos que os periódicos serviram para a propagação de outros tipos de impressos das denominações. Era comum encontrar anúncios de livros e folhetos (estes mesmos, como já referimos, veículos de propaganda) que poderiam ser comprados ou enviados gratuitamente aos que desejassem, como se lê num anúncio intitulado “Livros Evangélicos”. Neste havia a indicação do local de venda, sede “da A. C. de M. do Recife (Caes do Capibaribe, junto ao Quartel de Bombeiros)”, aos cuidados do Sr. João da Silveira, e dos títulos à venda: “O Espiritismo Analysado, Alma ansiosa, Amigo Invisível, O Clericalismo ou a obra dos jesuítas; Como traser homens a Christo, Comparação de doutrinas, Doutrina Christã, Igreja Romana á Barra de Evangelho, Espiritismo será Christianismo?, É verdadeira a Biblia?, Futuro dos povos catholicos, entre outros” (NORTE Evangélico, Garanhuns, 6 de agosto de 1909. Ano I, no. 24: 4. SPNB).

Mas a publicidade dada a estes impressos não se restringia à presente nos jornais confessionais, pois nos defrontamos com um anúncio divulgando literatura protestante em uma publicação secular extremamente popular: os almanaques. O texto comunicava o envio gratuito a quem solicitasse qualquer dos vários títulos: *O Missionario* (periódico) e os folhetos “Como toda a gente pode viver feliz; Devemos mudar de religião ou conservar a religião de nossos Paes?, O purgatorio O Cura e o Protestante O sapateiro philosopho A assistencia á missa romana S. Pedro nunca foi papa” (Ibid). Portanto, não apenas a imprensa confessional protestante usava de recursos semelhantes aos da imprensa secular como apelava a esta para promover suas publicações.

Entre as formas de tentar estimar o alcance da imprensa incluem-se o volume das tiragens, os relatos dos missionários, os depoimentos dos convertidos e a reação da igreja católica. Infelizmente, as tiragens nem sempre eram reveladas. Igualmente, também até o momento não encontramos qualquer referência de um convertido sobre o papel da imprensa em sua conversão ou vida devocional. Isto nos restringe a basearmos-nos, principalmente, nas informações dos missionários protestantes e na reação católica. Analisando os discursos dos dois pólos, protestantes e católicos, percebemos que o alcance da editoração protestante deve ter sido grande o suficiente para incomodar o clero romano e animar os missionários.

Se, no início, o vultoso investimento financeiro na imprensa partiu dos missionários norte-americanos, ao longo dos anos este investimento passa também a contar com dinheiro nacional. Como podemos ver na busca por novas assinaturas, nos insistentes apelos para que os assinantes pagassem por suas assinaturas atrasadas e pelas campanhas nas igrejas para arrecadação de dinheiro para a manutenção dos jornais protestantes.

Quando questionamos sobre qual o público que os missionários tencionavam alcançar através de suas publicações, podemos seguir o roteiro dos colportores mencionado por Cardoso para a década de 60 do século XIX. Segundo o autor, “o objetivo dos colportores era seguir um planejamento estratégico que alcançasse todas as casas da cidade, não importando o segmento social” (CARDOSO, 2005: 14).

Os missionários procuraram superar as dificuldades devidas ao seu número limitado, recorrendo à disseminação de sua prédica pela imprensa em suas várias vertentes. Lançaram mão dos recursos que a imprensa secular contemporânea utilizava, apostando no poder de persuasão que atribuíam à palavra impressa. O êxito e o devido peso desta imprensa na disseminação das idéias e do pensamento destes missionários e convertidos, porém, são questões que ficam em aberto, pois requerem novas pesquisas.

Recebido em setembro/2007; aprovado em outubro/2007.